



CIÊNCIAS HUMANAS

Abordagens para o ensino da pré-história regional***Approaches to teaching of regional prehistory***Marcos Rogério Kreutz¹; Neli Teresinha Galarce Machado¹; Jones Fiegenbaum¹**RESUMO**

Nas últimas décadas foram produzidas inúmeras obras regionais, cujo foco é a formação social, econômica e política de um determinado município. Muitas delas, dão ênfase à imigração europeia, ignorando a participação de outras etnias, como as sociedades indígenas. Algumas obras apresentam breves comentários apontando a ocupação indígena antes e após o contato com os europeus. Porém, alguns autores sequer mencionam a existência dessas populações. Em municípios do Rio Grande do Sul, na região Vale do Taquari, cujo território recebeu grande fluxo de imigrantes europeus é possível encontrar obras com esse viés. Vislumbrando este contexto, a principal abordagem deste estudo está em indicar e discutir o uso de obras com conteúdo defasado sobre populações indígenas que povoaram a região. Para a consecução dessa investigação fez-se uso da pesquisa bibliográfica, consulta em relatórios de Projetos Acadêmicos e de Licenciamentos Ambientais, bem como o banco de dados do IPHAN. Assim, são apresentados novos dados sobre a Arqueologia Regional, contribuindo para o ensino nos espaços formais de educação.

Palavras-chave: *Ensino; Arqueologia; História; Vale do Taquari.*

ABSTRACT

In the last decades numerous regional works have been produced, whose focus was the formation social, economic, and political of a certain municipality. Many of them emphasize European immigration, ignoring the participation of other ethnicities such as indigenous societies. Some works present brief comments pointing to the indigenous occupation before and after contact with the Europeans. However, some authors don't even mention the existence of these populations. In municipalities of Rio Grande do Sul, in the Vale do Taquari region, whose territory received a large influx of European immigrants, it is possible to find works with this bias. Looking at this context, the main approach of this study is to indicate and discuss the use of works with depleted content on indigenous populations that populated the region. For the accomplishment of this work, we used bibliographical research, consulting in reports on Academic Projects and Environmental Licensing, as well as the IPHAN database. Thus, new data on Regional Archeology are presented, contributing to the teaching in the formal spaces of education.

Keywords: *Teaching; Archeology; History; Vale do Taquari.*

¹ UNIVATES - Universidade do Vale do Taquari, Lajeado/RS – Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Os índios de nossa terra, eram selvagens valentes!
Comiam caças e peixes, frutas, raízes e sementes.
Usavam arcos e flechas, nas guerras e nas caçadas.
Sendo o tacape e a lança armas também muito usadas.
(COLEÇÃO DISQUINHO, 1968).

A estrofe faz parte da canção "O Índio²", cuja música foi muito entoada nas "Horas Cívicas³", especialmente em alusão ao Dia do Índio. Um indivíduo romantizado que vivia tranquilamente nas florestas do país, talvez o criador da letra tinha intenção de se referir a um indígena pré-colonial. Assim, durante muitos anos, a descrição das sociedades indígenas não tiveram a devida atenção, com muitas informações superficiais.

Muitos autores preferiram e ainda preferem se fixar em um continuísmo, apresentando os indígenas como "bons selvagens", seres exóticos e distantes. Não se preocupam em buscar novas informações e contribuir para modificar o olhar etnocêntrico, bem como o distanciamento cultural. Mesmo que, nas últimas décadas, houve uma ampliação das pesquisas, especialmente na Arqueologia, oferecendo novos dados sobre o povoamento pré e pós-colonial no Brasil.

Desde a década de 1980, inúmeros memorialistas, historiadores, nem sempre de formação específica, redigiram obras regionais, cujo foco central era a formação de determinado município. Nesse sentido, esses escritores estavam despreocupados em apontar as características dos primeiros colonizadores, indígenas que se estabeleceram nestes locais. Preferiam se debruçar em narrar a história da vinda dos imigrantes europeus. A prática é encontrada em vários livros sobre a "história" de alguns municípios do Rio Grande do Sul, em especial, locais que receberam imigrantes alemães e italianos.

A região conhecida como Vale do Taquari localizada no centro leste do Estado do Rio Grande do Sul, formada politicamente por 36 municípios, é um exemplo, pois teve grande fluxo de imigrantes europeus, em maior número alemães e italianos. Assim, memorialistas escreveram livros sobre os municípios dando ênfase à imigração europeia, desconsiderando a presença das populações indígenas. Questiona-se, se por desconhecimento ou por escolha de exclusão, pois as pesquisas arqueológicas no Vale do Taquari indicam outro panorama.

Em meados da década de 1960 já se faziam estudos envolvendo a cultura material de povos pré-coloniais. Na virada do século XX para o XXI, a Arqueologia Regional teve um incremento significativo com a realização de pesquisas sistemáticas. Porém, ainda persiste a ideia personificada do imigrante europeu desbravando a "terra virgem" do Vale. Parte da população, motivada por opiniões equivocadas, acredita que até meados do século XVIII e princípio do século XIX, muitas áreas nunca haviam sido habitadas e colonizadas por qualquer grupo humano, desconhecendo ou ignorando a presença de sociedades indígenas na região.

²Canção que faz parte do disco História do Brasil Cantada, Volume 1, Lado B. O disco pertence a Coleção Disquinho, lançada pela gravadora Continental na década de 1960, idealizada pelo compositor João de Barro, o Braguinha.

³A Hora Cívica, atividade escolar, comum especialmente durante o período da Ditadura Militar, pois segundo Pereira (2014, p. 607), "Entre as atividades extraclasse havia a 'hora cívica' que era realizada periodicamente, em intervalos de uma semana ou quinze dias. Um momento no qual os alunos eram reunidos para hastear as bandeiras, cantar o hino nacional e apresentar poemas ou jograis sobre a pátria ou os símbolos e heróis nacionais".

De uma forma geral, as obras produzidas que abordam a formação social, econômica e política de uma localidade, cidade ou município da região, foco do estudo, apresentam breves comentários, pouco mais de dois ou três parágrafos apontando a ocupação indígena antes e após o contato com os europeus. Algumas sequer mencionam a passagem ou a colonização dessas sociedades. Sabe-se mais sobre o Antigo Egito e do Império Romano, do que da população que vivia no estado, no pretérito. Entretanto, com o aprofundamento das pesquisas com grupos indígenas pré e pós-contato, foram desenvolvidas obras e trabalhos acadêmicos que contemplam estas populações e auxiliam na reescrita e difusão do conhecimento sobre o passado regional.

A partir do exame em onze obras publicadas regionalmente, observou-se a abordagem dos autores em relação às populações indígenas pré-coloniais. Em função de uma continuidade de informações equivocadas, as quais podem contribuir para que em muitas instituições de ensino se faça uso dessas obras, os objetivos do artigo são: indicar livros com conteúdo defasado sobre as populações indígenas que povoaram a região, bem como a partir de pesquisas acadêmicas, traçar um panorama sobre a colonização pré-colonial no Vale do Taquari, identificando os grupos sociais que ocuparam esse ambiente, sociedades Caçadoras Coletoras, Jê Meridionais e grupos Guarani, apontando os sítios arqueológicos prospectados e registrados na região. Dessa maneira, fornecer subsídios e referências sobre o povoamento pré-colonial e contribuir para o aprimoramento do ensino da Arqueologia e da História, nos espaços formais de educação.

Para consecução do artigo, como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, consulta ao Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e de relatórios provenientes de projetos de pesquisa acadêmicos e de licenciamentos ambientais.

Assim, o conhecimento sobre as populações que colonizaram o Vale, antes da chegada do europeu, permite que se faça a distinção desses grupos, sua cultura, o ambiente em que viviam e outros aspectos. Há a necessidade de se desenvolver mais textos e materiais de cunho didático, sobre as sociedades que colonizaram a região antes da chegada dos novos colonizadores, para se poder contribuir de forma significativa na ampliação e consolidação desse conhecimento.

2. A SIMPLIFICAÇÃO DO INDÍGENA PRÉ-CONTATO

Mesmo já tendo sido prospectados e cadastrados sítios arqueológicos, cujo resultado culminou em publicações científicas desde da década de 1960, não só no espaço Vale do Taquari, mas no Estado do Rio Grande do Sul, o que prevaleceu para alguns autores foi o uso de uma denominação idealizada pelos colonizadores europeus para os indígenas, com informações defasadas e simplistas.

A partir da consulta em obras publicadas sobre o povoamento do território Vale do Taquari, entre 1972 e 2016, observou-se que os dados disseminados sobre o povoamento indígena, apontam informações resumidas, uso de fontes com dados desatualizados, além de publicar aspectos equivocados sobre a cultura indígena, com conotação etnocêntrica. Raramente os autores citam as fontes pesquisadas e, quando abordam o tema sítios arqueológicos, limitam-se apenas mencionar a existência dos mesmos na região (FREITAS, 1985; SCHIERHOLT, 1992; FERRI, 1998; RODRIGUES, 2007; SCHIERHOLT, 2010; DUPONT, 2012; FERRI; TOGNI, 2012). Existem aqueles que abordam superficialmente o tema (HESSEL, 1983), outros sequer mencionam a ocupação indígena na região (SILVA, 1972; FARIA, 1981; THOMÉ, 1984).

Entre as obras consultadas, autores que redigiram mais do que uma, tendem a repetir as informações a respeito do povoamento pré-colonial. Exemplo disso, é aglutinação das sociedades indígenas no Rio Grande do Sul em três grandes províncias, Ibiaça ou Ibiá, Tape e Uruguai.

Em 1998, Ferri (1998, p. 17) afirmava:

Desde épocas remotas, o território onde, futuramente, surgiria o Estado do Rio Grande do Sul, era povoado por grande número de tribos indígenas, congregadas em três grandes "Províncias Indígenas", as quais ultrapassavam os limites atuais do Estado. Estas províncias eram denominadas: Província do URUGUAI; Província do TAPE; Província do IBIA ou IBIÁ, ou ainda IBIAÇA.

Schierholt (1992, p. 13) segue na mesma linha, com as mesmas informações,

Um certo consenso entre historiógrafos estabeleceu entre Laguna e o Rio da Prata a existência de três províncias: Ibiacá, Tape e Uruguai. Não há unanimidade quanto à localização de suas linhas limítrofes. Limitando-nos à citação do fato, lembramos que o Vale do Taquari se localizava entre o Tape e Ibiacá.

No que concerne aos sítios arqueológicos, Schierholt (1992) revela em sua obra, que foram descobertos sítios nas localidades de Carneiros e Picada Scherer, no município de Lajeado/RS. Porém, fornece poucos detalhes sobre o material arqueológico encontrado e a localização exata dos mesmos. Em 2010, o pesquisador lança mais um livro, no qual expõe basicamente as mesmas informações relatadas em 1992 com o acréscimo de mais dados sobre o contato entre sacerdotes jesuítas e indígenas no espaço Vale do Taquari. Cabe lembrar que em 2010, já existiam publicações acadêmicas sobre o tema na região.

Dupont (2012, p. 42) faz uma sucinta descrição das sociedades indígenas, que ocuparam a região,

Assim, antes da colonização, estas terras eram ocupadas por silvícolas que, supõe-se serem Índios Patos, os mesmos que habitaram as margens do Rio Taquari. Estes chegaram até a região do município de Paverama em sinal evidente da fuga destes, sob ameaça de ocupações do homem branco que estava acontecendo em nosso estado, na direção leste oeste, ou seja, do litoral ao interior.

A ideia da autora não fica clara, pelo que se pode deduzir, ela sustenta de que a ocupação indígena no município de Paverama/RS, o qual está inserido na região geopolítica Vale do Taquari, deu-se em função da chegada do imigrante, entretanto, sítios arqueológicos comprovam a presença indígena antes mesmo da chegada do europeu.

Na década de 1980, o arqueólogo Pedro A. M. Ribeiro empreende pesquisas na região, incluindo o município de Paverama, onde identifica uma série de sítios arqueológicos. Nos sítios, realiza intervenções, cujos resultados são publicados em finais da década de 1980, porém, Dupont (2012) em nenhum momento em sua obra faz menção a esse trabalho.

Ao se referir sobre a economia das populações indígenas fixadas no espaço Vale do Taquari, Ferri e Togni (2012, p. 31) afirmam, "Viviam em grupos pequenos e sua alimentação era realizada com base na caça, na pesca, e na coleta de raízes e frutas", ou ainda de acordo com Schierholt (2010, p. 9),

As tribos eram nômades. Movimentavam-se pela floresta de acordo com o período de caça, pesca e coleta de frutas, especialmente o pinhão. Usavam os mesmos trilhos e se fixavam nos mesmos locais, onde havia fontes de água e melhores condições de viver a temporada.

Nesse sentido, os autores não definem a que grupos pertencem, caçadores coletores ou horticultores. Vale lembrar que os horticultores Guarani tinham aldeias dispostas ao longo dos rios e arroios da bacia, entre eles o Taquari e Forqueta, em cujos locais faziam um intenso manejo agrícola produzindo inúmeras espécies, entre elas, a mandioca e o milho.

Essa ideia perpetua o ser indígena como um ser não merecedor de diferenciação, a partir do momento que em não se distingue a que grupo pertence, se reforça e se confirma um pensamento retrógrado, em que esses sujeitos eram tratados como um elemento curioso, inserido na paisagem.

Entre as obras consultadas existem muitos equívocos. Freitas (1985) descreve a rota de deslocamentos de índios "Patos". Para Freitas (1985, p. 14), os estudos

[...] indicam os índios Patos como os primitivos habitantes de Triunfo, os quais, em 1732, com a chegada dos portugueses ao litoral do Rio Grande do Sul, abandonaram as margens da grande lagoa "dos Patos" e transportando os familiares em igaras e pirogas demandaram rumo aos rios interiores e vieram construir suas malocas às margens dos rios Jacuí e Taquari [...].

As datações radiocarbônicas realizadas em sítios arqueológicos no espaço Vale do Taquari revelam que indígenas Guarani ocuparam as margens do rio Taquari e seus afluentes a partir do século XIII (FIEGENBAUM, 2009; WOLF, 2012; SCHNEIDER, 2014; KREUTZ, 2015). Portanto, muito antes da data proposta pelo autor.

Em obra mais recente, Ferri e Togni (2012), abordam a ocupação Guarani no Rio Grande do Sul. Baseado em Moure (1994, p. 11), os autores afirmam (2012, p. 32), "Os povos indígenas que viviam entre o Oceano Atlântico e a margem esquerda do rio Uruguai possuíam diversas classificações. Entre as mais usuais estão: Guarani, Pampeanos e Jês".

Nesse sentido, Ferri e Togni (2012) não fazem nenhuma referência sobre a ocupação Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas. Limitam-se apenas em afirmar que no espaço Vale do Taquari, há divergência entre os pesquisadores pois, não se sabe a que província indígena as populações pré-coloniais pertenciam, Tape ou Ibiá.

Com relação a autores que apontam o tema superficialmente, Hessel (1983) resume o povoamento indígena em apenas um parágrafo. O autor (1983, p. 11) afirma,

Escrever a história do município de Estrela, como a de outros municípios, a do Brasil e a de outros países americanos, equivale de certa maneira a relatar o processo da substituição do elemento europeu e as realizações deste, após o afastamento do ameríndio.

Entre as obras que sequer mencionam a ocupação indígena, Thomé (1984, p. 13), não faz nenhuma referência, iniciando a obra com "Datas significativas", na qual antes de elencar as datas, o autor afirma, "Para uma rápida consulta, o repertório das principais efemérides que deram forma à história da "Pérola do Vale". A ordem cronológica dos fatos inicia com o ano de 1635. Para o ano, Thomé (1984, p. 13) escreve, "1635 – Janeiro. Primeira exploração do território, de que se tem notícia, através dos jesuítas".

Além do estudo superficial sobre o povoamento indígena no espaço Vale do Taquari publicado em livros, a discriminação desses povos é reforçada por textos divulgados em jornais.

Em 18 de setembro de 2014 era publicada matéria em um jornal da cidade de Lajeado/RS⁴, cujo responsável pelo texto em determinado trecho escrevia, “A cidade que a família escolheu para viver tem passado germânico, o que contrasta com sua origem de Passo Fundo, município povoado por indígenas em seus primórdios” (SILVA, 2014, p. 12).

Esta afirmação reflete o imaginário coletivo de parcela da sociedade, que desconhece a participação de outros grupos na formação sócio, política e econômica da região. É papel da Arqueologia e da História, demonstrar como as populações pretéritas viviam e, para além disso, Robrahn-González (2006, p. 172), sugere que a Arqueologia pode oferecer a educação da cidadania:

Hoje necessitamos compreender a história do mundo e de pessoas de diferentes culturas e contextos que desenvolveram ideias, instituições e formas de vida diferentes da nossa. Precisamos aprender a viver em um mundo multicultural, e a Arqueologia pode proporcionar ferramentas que auxiliem a viver numa sociedade crescentemente complexa. O conhecimento de diferentes formas de vida, experiências e perspectivas da humanidade no passado ensina sobre outras culturas e outros tempos, permitindo melhor compreender a diversidade, expandindo nossa visão de mundo, e contribuindo em criar cidadãos mais tolerantes, especialmente com grupos excluídos ou minorias étnicas.

Soares, Perius e Arend (2013), advertem sobre a importância da Arqueologia. Para os autores (2013, p. 527), “Os homens da pré-história geralmente são tratados como povos sem história, justamente pelo dogma que criaram de existir história apenas depois do surgimento da escrita”. Assim, a Arqueologia permite conhecer fontes que comprovem a existência de história e cultura dessas populações.

A invisibilidade dos grupos indígenas, especialmente os pré-coloniais, também é reforçada nos livros didáticos que tratam da história da formação do Brasil. Para Medeiros (2012), notadamente o período que o ensino de História lembra é o colonial.

O ensino de História no Brasil, ao abordar o século XIX, remete imediatamente para os benefícios que os imigrantes europeus promoveram ao país, porém, omite os impactos que gerou aos grupos indígenas aqui radicados. Assim, a historiografia ignora as sociedades indígenas, os quais são lembrados nas aulas de Literatura ao ser estudado o Romantismo (MEDEIROS, 2012).

Para Freitas (2010, p. 167), a temática indígena alcançou novos patamares, pois nas últimas décadas, especialmente a partir de 1990, o interesse por estudos relacionados à questões indígenas cresceu. Alguns atributos estereotipados dos indígenas, exóticos, anônimos, não evoluídos, entre outros, nos livros didáticos são bem menos frequentes, existem publicações em que o índio é protagonista, os quais privilegiam o conflito em vez da “[...] harmonia interétnica e que narram indígenas em situações de protesto, guerra, aliança, negociação, migração, fuga e degradação, em luta pela terra, pelo direito à liberdade e à diversidade”.

Assim, na medida em que a temática indígena nos livros didáticos seja vista sob outro prisma, bem como os estudos em Arqueologia se aprofundam, os mesmos corroboram para que obras de memorialistas sejam substituídas.

⁴ Extraído de reportagem publicada no jornal O Informativo (2014, p. 12), de Lajeado/RS.

Ao mesmo tempo em que obras sobre a história regional e/ou de municípios ainda são ou foram publicadas na região, as quais simplificaram a cultura indígena pré e pós-contato, outras foram ou são redigidas com um novo viés, de cunho acadêmico e científico (KNOB; KNOB, 1998; RELLY; MACHADO; SCHNEIDER, 2008; KREUTZ et al, 2011; FARIAS, 2012). Ou ainda, autores mencionam a carência de estudos na área, como Eifler (1992, p. 42), a qual afirma, "A história do homem primitivo desta região não está, suficientemente esclarecida pelos estudiosos deste município, o que, provavelmente, acontecerá num futuro próximo, com o desenvolvimento da pesquisa". A autora faz um breve relato sobre as sociedades indígenas baseadas em informações de arqueólogos já publicadas (RIBEIRO, 1975; SCHMITZ, 1975).

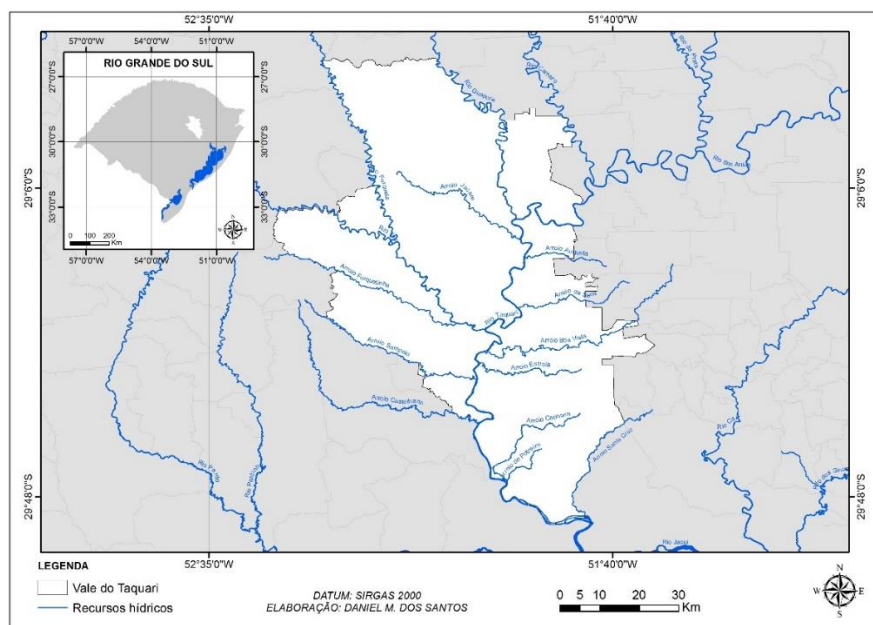
De cunho acadêmico, vários trabalhos foram publicados abordando a cultura dos grupos indígenas que colonizaram o espaço conhecido como Vale do Taquari (FIEGENBAUM; SCHNEIDER; MACHADO, 2005; MACHADO; MILDNER, 2005; MACHADO et al, 2006; KREUTZ, 2008; MACHADO; SCHNEIDER; SCHNEIDER, 2008; FIEGENBAUM, 2009; SCHNEIDER, 2010; LOPES, 2012; WOLF, 2012; SCHNEIDER, 2014; KREUTZ, 2015).

As produções acadêmicas locais vêm suprir a carência de dados técnicos e confiáveis sobre os grupos pretéritos que ocuparam a região e como desenvolveram seu modo de vida. Dados que são relevantes para enfrentar o mito do bom selvagem, ou ainda, lembrar de que esses grupos são agentes construtores de sua história.

3. A ARQUEOLOGIA NO VALE DO TAQUARI E SUA HISTÓRIA

Os estudos em Arqueologia de forma sistemática, no espaço Vale do Taquari (FIGURA 01), estão associadas a projetos acadêmicos, os quais iniciaram em 2000. Em anos anteriores foram realizadas atividades pontuais: registro de sítios arqueológicos, caminhamentos em locais onde foram localizadas evidências materiais, contato com proprietários de terras onde haviam sítios, cursos rápidos sobre Arqueologia e coletas superficiais, resultando algumas delas em publicações científicas.

Figura 01: A região Vale do Taquari, Rio Grande do Sul



Fonte: Santos (2015).

As primeiras pesquisas realizadas nesse espaço foram executadas nos municípios de Arroio do Meio e Muçum, na década de 1960, pelo arqueólogo Dr. Pedro Ignácio Schmitz, do Instituto Anchieta de Pesquisas - IAP/UNISINOS-, de São Leopoldo/RS. Em 1965, Schmitz fez incursões em Muçum, onde catalogou o Sítio Arqueológico RS-03. No mesmo ano, em Arroio do Meio, catalogou os sítios RS-27, RS-28, RS-29, e RS-30. No ano seguinte, 1966, o arqueólogo registrou mais dois sítios arqueológicos, RS-60 e RS-61, localizados no município de Muçum (GOLDMEIER, 1983).

Em 1970, Dr. Pedro Augusto M. Ribeiro realiza pesquisas nos municípios de Teutônia e Paverama, registrando respectivamente, o sítio caçador coletor RS-T-18⁵ e o abrigo sob rocha RS-T-17. Na oportunidade coletou artefatos líticos e vestígios arqueofaunísticos. Um ano mais tarde, registra no município de Estrela o sítio horticultor RS-T-15 (WERLANG, 1981; CNSA/IPHAN, 2016).

Em 1971, o arqueólogo Guilherme Naue, registrou em Estrela, o sítio RS-84. Em Relvado, no ano de 1972, catalogou o sítio RS-161⁶, e no mesmo município, em 1974, prospectou os sítios RS-85, RS-183⁷ e o RS-224 (FIEGENBAUM, 2009; CNSA/IPHAN, 2016).

O Instituto Histórico e Geográfico do Vale do Taquari - IHGVT, juntamente com o Departamento de Ciências Exatas e Biológicas vinculado à Fundação Alto Taquari de Ensino Superior - FATES, promoveram, em agosto de 1987, o "Curso Introdução a Arqueologia". O curso ministrado pelo Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro contou com aulas teóricas e práticas. E, a partir das atividades de campo foram registrados os sítios arqueológicos RS-TQ-1, RS-TQ-2A, RS-TQ-2B, RS-TQ-2C, em Lajeado e RS-TQ-3A, RS-TQ-3B e RS-TQ-4, em Cruzeiro do Sul. Esses sítios, pertencentes a horticultores Guarani, não constam no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

No ano de 2001, arqueólogos da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, da cidade de Santa Cruz do Sul/RS, prospectaram o município de Relvado. Na ocasião desenvolveram atividades de campo, com coletas superficiais. Também mantiveram contato com moradores locais que tinham encontrado em suas propriedades artefatos arqueológicos (GOMES, 2001). É bem provável que alguns desses sítios prospectados sejam os mesmos que o arqueólogo Guilherme Naue registrou em 1972 e 1974.

A partir de 2000, as pesquisas na região tiveram um importante incremento. Por ocasião da instalação da Graduação de História na Universidade do Vale do Taquari foi criado o Laboratório de Arqueologia. Desde aquele ano são desenvolvidos projetos acadêmicos voltados para a Arqueologia Regional, com apoio da própria instituição de ensino e outros órgãos de fomento, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – **CNPq**. As pesquisas são amparadas por Portaria Ministerial do Instituto do

⁵ O sítio está cadastrado junto ao IPHAN como localizado no município de Estrela, porém, o mesmo faz parte de Teutônia. Em 1970, Teutônia era distrito de Estrela.

⁶ O Sítio Arqueológico RS-161 consta no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA, do IPHAN, como pertencendo ao município de Encantado. Entretanto, o sítio está localizado no município de Relvado, antigo distrito de Encantado emancipado em 1988.

⁷ Os Sítios Arqueológicos RS-85 e RS-183, constam no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA, do IPHAN, como pertencendo ao município de Encantado. Entretanto, os sítios estão localizados no município de Relvado, antigo distrito de Encantado emancipado em 1988.

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Entre os anos de 2000 e 2015 foram registrados junto ao IPHAN 26 sítios, dentre estes, 20 sítios arqueológicos e 6 históricos.

Também entre 2000 e 2014, foram realizadas pesquisas decorrentes de licenciamentos ambientais, Arqueologia de Contrato⁸. Nessas atividades foram catalogados sítios arqueológicos nos municípios de Lajeado, Cruzeiro do Sul, Fazenda Vilanova, Tabaiá, Taquari, Marques de Souza, Forquetinha, Canudos do Vale, Travesseiro e Putinga (FIEGENBAUM, 2009; ROSA, 2009; VICROSKI; THADDEU, 2010).

Assim, entre os anos de 1965 até 2015, a partir de levantamento realizado para a região Vale do Taquari, foi possível identificar o registro de sítios arqueológicos pertencentes a sociedades Caçadoras Coletoras, Jê Meridionais e Guarani.

4. SOCIEDADES CAÇADORAS COLETORAS E OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

As evidências arqueológicas apontam que o povoamento da América do Sul, por grupos Caçadores Coletores, tenha ocorrido entre finais do Pleistoceno e início do Holoceno (BUENO; DIAS, 2015). Assim, os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul poderiam ter ocupado grande parte do território, desde o rio Uruguai até o Oceano Atlântico (SCHMITZ, 2006).

Caçadores Coletores obtiam seu alimento das atividades provenientes da caça de animais, pesca, coleta de vegetais e frutas silvestres. Para as atividades diárias do grupo produziam artefatos líticos, entre eles, as pontas de projétil e raspadores. Também confeccionavam ferramentas a partir de ossos de animais (COPÉ, 2013). Conforme Santos (2006, p. 235), grupos caçadores coletores escolhiam da natureza as partes ou os aspectos “[...] considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo”.

No Brasil, arqueólogos ligados ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA⁹, propuseram agrupar esses grupos em duas tradições¹⁰, Umbú e Humaitá. Para Prous (1992, p. 149), a tradição Umbu se caracteriza pela presença de pontas de projétil e de uma indústria lítica com lascas retocadas. “O retoque é frequentemente feito com cuidado, podendo ocupar toda a superfície de uma ou de ambas as faces da lasca”. A tradição Humaitá por sua vez é caracterizada por

⁸Segundo Brasil Arqueológico (2016), “Arqueologia preventiva, também conhecida como arqueologia de salvamento, ou arqueologia de contrato, constitui-se em uma prática da arqueologia objetivando o cumprimento da Legislação Federal vigente no Brasil. Em todas as obras que necessitam de um estudo de impacto ambiental, o EIA-RIMA, é necessário a execução de uma pesquisa arqueológica para a obtenção da Licença Prévia (LP), da Licença de Instalação (LI), e da Licença de Operação (LO). O IPHAN é o Órgão do Ministério da Cultura responsável pela autorização e fiscalização da pesquisa arqueológica, que exerce esta função constitucional com o apoio do Ministério Público Federal”. Para Fabbri (2014, p. 40), Arqueologia de Contrato “[...] procura adiantar-se em ações que visem à preservação do patrimônio arqueológico antes que seja destruído. Esta abordagem da Arqueologia trabalha para o atendimento das demandas geradas pelo licenciamento ambiental, nas obras de infraestrutura e nas demais ações que impactem diretamente o patrimônio arqueológico”.

⁹ Em 1965, sob coordenação de Betty Meggers e Clifford Evans, com apoio do Smithsonian Institution de Washington, EUA e instituições brasileiras, como o Conselho Nacional de Pesquisas, CNPq, foi instituído o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, PRONAPA. O programa promoveu cursos de formação de arqueólogos, bem como, idealizou levantamentos e escavações cujo objetivo era definir as principais culturas arqueológicas e suas consequentes dispersões pelo território brasileiro (SOARES, 2004).

¹⁰ Segundo Neves (2006, p. 61) “Em arqueologia o termo ‘tradição’ denomina um conjunto de fases distribuídas por áreas vastas e com grande amplitude cronológica”.

instrumentos morfologicamente maciços sobre massa central, blocos ou seixos, e normalmente desprovidas de pontas de projétil de pedra.

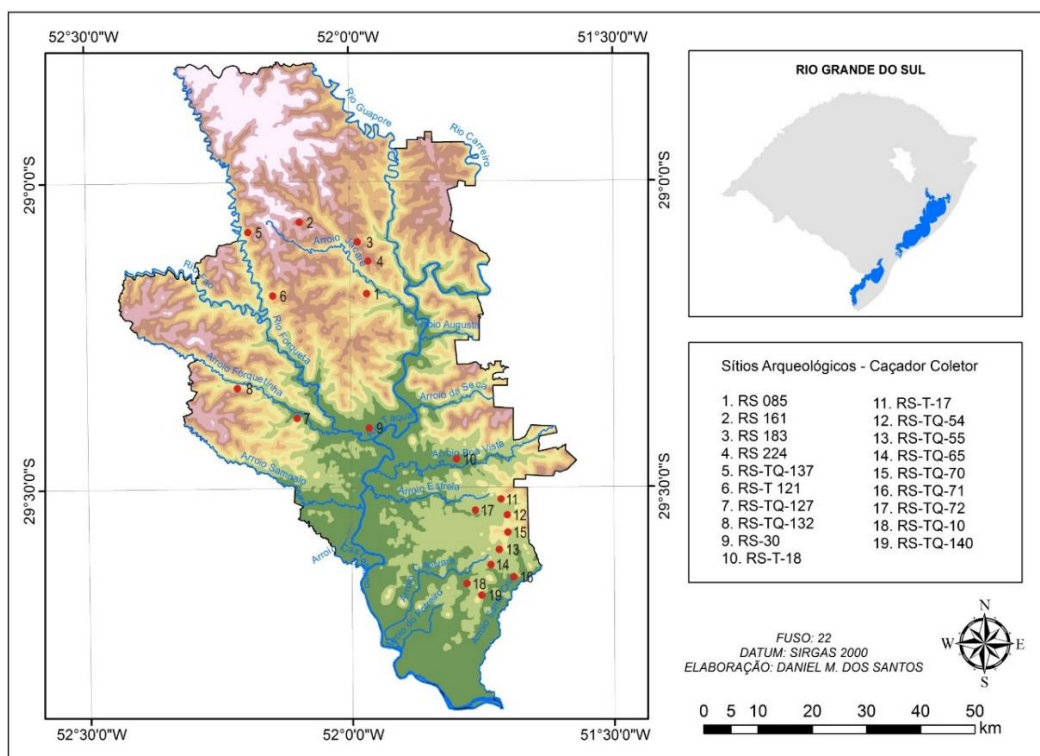
O ambiente encontrado por grupos Caçadores Coletores, permitiu que circularassem por praticamente todas as áreas do território Vale do Taquari, pois a região apresentava recursos naturais ideais à sobrevivência (WOLF, 2012). Na região, estas sociedades tinham seus assentamentos em abrigos rochosos de grande abertura de boca e pouca profundidade (RIBEIRO, et al., 1989), bem como assentamentos a céu aberto (RIBEIRO, 1991).

Quanto à antiguidade de ocupação desses grupos, o arqueólogo Pedro A. M. Ribeiro, na década de 1980, fez pesquisas em sítios arqueológicos implantados na região dos Vales do Rio Caí e Taquari. Na oportunidade obteve datação radiocarbônica do material coletado no Sítio Arqueológico RS-TQ-58¹¹ (Coordenadas UTM: 22J - 437.953 L e 6.727.084 N, Alt. 80m) situado no município de Brochier, cuja análise apontou 8290±130 anos A. P. (RIBEIRO, et al., 1989).

Dessa forma, pode-se deduzir que a ocupação em abrigos ou áreas abertas, localizados próximos ao sítio RS-TQ-58 tenham sido contemporâneas, ou seja, o espaço Vale do Taquari, devido a sua proximidade, pode ter sido colonizado por sociedades Caçadoras Coletoras na mesma época.

Como as sociedades Caçadoras Coletores mantinham um padrão de alta mobilidade, buscando sempre um novo ambiente que pudesse satisfazer suas necessidades de subsistência, os sítios arqueológicos registrados estão dispersos por todo território do Vale do Taquari (FIGURA 02).

Figura 02: Sítios arqueológicos pertencentes a grupos Caçadores Coletores



Fonte: Kreutz (2015).

¹¹ O Sítio Arqueológico RS-TQ-58, consta no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA, do IPHAN, como pertencendo ao município de Montenegro. Entretanto, o sítio está localizado no antigo distrito de Montenegro, Brochier, o qual se emancipou em 1988.

Por volta do início da Era Cristã há uma nova configuração na paisagem do Rio Grande do Sul. Conforme Schmitz (2006), nesse período a temperatura e a precipitação se assemelhavam muito às atuais, início do século XXI, provocando a introdução da cerâmica e dos cultivos no estado.

Assim, o território do atual Estado do Rio Grande do Sul começa a ser colonizado por grupos horticultores, entre eles, os Jê Meridionais ou Proto-Jê Meridionais, pertencentes ao Tronco Linguístico Macro-Jê (SILVA, 2001), bem como os Guarani, filiados ao Tronco Linguístico Tupi-Guarani (SCHMITZ, 2006).

5. AS SOCIEDADES JÊ MERIDIONAIS E OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

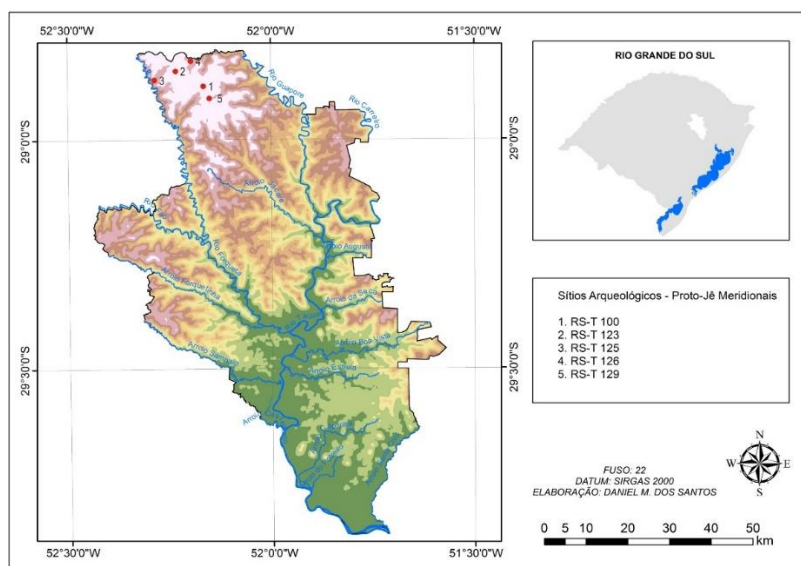
Os Jê Meridionais são grupos associados a tradição Taquara, cujo processo de ocupação do Rio Grande do Sul fora pelo menos, desde o século IV até o século XIX d.C. Porém, é possível que a ocupação tenha sido ainda anterior (ROGGE, 2004).

Essas populações são conhecidas como construtoras das casas subterrâneas, “buracos de bugre” no vocabulário popular, habitações construídas abaixo do solo, cobertas por palha. Segundo Schneider et al. (2014, p. 191), “As estruturas estão marcadas na paisagem até hoje, constituindo, sem dúvida, em uma das transformações físicas mais lembradas pelos europeus e seus descendentes que se estabeleceram posteriormente nas áreas altas do Vale”.

Conforme Wolf (2012, p. 50), “Característica desses grupos, as estruturas subterrâneas são verificadas, além do Rio Grande do Sul, no planalto catarinense e paranaense, sul de São Paulo e em Minas Gerais”. Segundo Schmitz e Becker (1991), além da utilização dessas estruturas, as sociedades poderiam se estabelecer em aldeias com choças de palha em terrenos mais baixos e em refúgios temporários, como abrigos rochosos e galerias subterrâneas.

Na região do Vale do Taquari a presença das sociedades Jê Meridionais ficou concentrada mais ao Norte (FIGURA 03). Segundo Wolf (2012), o padrão de assentamento demonstra uma predominância por áreas situadas em altitudes mais elevadas, superiores a 450m, com vegetação original composta pela Floresta de Araucária.

Figura 03: Sítios arqueológicos Jê Meridionais no espaço Vale do Taquari



Fonte: Kreutz (2015).

As sociedades Jê Meridionais, desde 1882, passaram a ser conhecidas como Kaingang (BECKER, 1997).

Enquanto que o norte do território do Vale do Taquari fora colonizado por grupos Jê Meridionais, as terras baixas do Vale estavam ocupadas por sociedades Guarani. Os sítios arqueológicos pertencentes a estes grupos situam-se nas planícies de inundação que margeiam os maiores rios e arroios, entre eles, os rios Taquari e Forqueta.

6. AS SOCIEDADES GUARANI E OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

É quase consenso na Arqueologia brasileira de que foi a partir da região amazônica que grupos originários da tradição Tupiguarani empreenderam deslocamentos a fim de colonizar, não de forma homogênea ou exclusiva, o território brasileiro e suas adjacências. As sociedades Tupiguarani podem ser distintas em dois grupos, considerando diferenças linguísticas, tecnológicas e ecológicas. Em termos linguísticos, um ramo fala o Tupi, dispersa do Rio Paranapanema, para o norte ao longo da costa leste brasileira, enquanto que outro, fala o Guarani, cuja dispersão, incluem-se regiões do Paraguai, nordeste da Argentina, os três estados meridionais do Brasil, além de partes dos estados do Mato Grosso do Sul e de São Paulo (SCHMITZ, 2006; SANTI, 2009).

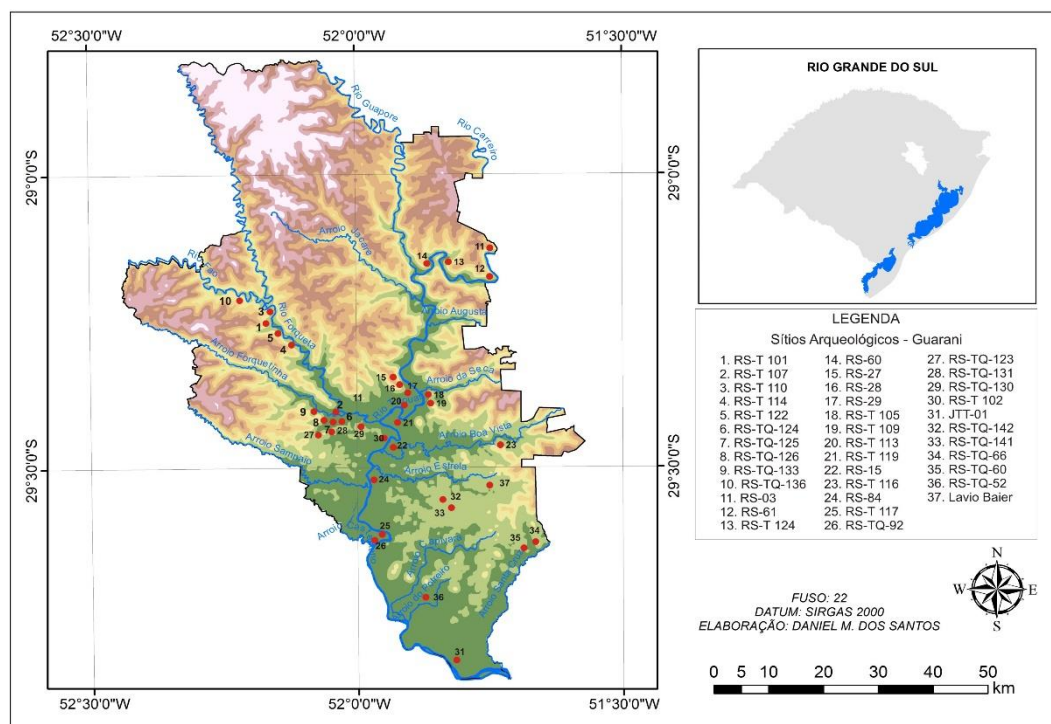
A dispersão e a colonização do Estado do Rio Grande do Sul por indígenas pertencentes à tradição Tupiguarani seguiram uma lógica, uma relação profícua com um tipo específico de sistema ecológico. Foram eleitas áreas de vales de rios, cobertas por Floresta Estacional Decidual e Semidecidual, em função de uma forte orientação agrícola manifesta, especialmente, na cultura do milho e da mandioca (ROGGE, 2004; SANTI, 2009).

Sociedades Guarani utilizavam a cerâmica em grande escala (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; OLIVEIRA, 2008; DIAS, 2009). Assim, como eram populações ágrafas, um dos principais elementos de análise que possa colaborar para esclarecer o comportamento funcional de um assentamento é a cerâmica (FIEGENBAUM, 2009).

O processo de povoamento Guarani, no atual Rio Grande do Sul, provavelmente tenha se dado a partir da região noroeste, em torno do início da Era Cristã ou pouco antes (ROGGE, 2004). E, a partir da realização de datações C^{14} em quatro sítios arqueológicos, RS-T 114, RS-T 101, RS-T 117 e RS-03, indicam que essas populações tenham colonizado o espaço Vale do Taquari, no mínimo entre o século XIII até finais do XVIII ou início do XIX (FIEGENBAUM, 2009; WOLF, 2012; SCHNEIDER, 2014; KREUTZ, 2015).

A presença Guarani no Vale do Taquari ficou registrada nos diversos sítios arqueológicos. Os sítios até o momento prospectados e registrados (FIGURA 04) ocorrem com maior frequência nas planícies ao longo dos rios Taquari, Forqueta e Forquetinha.

Figura 04: Localização dos sítios Guarani



7. CONSIDERAÇÕES

A necessidade de produção e difusão de conhecimento na área da Arqueologia, especialmente sobre as populações pré-coloniais, analisando-se a região do Vale do Taquari/RS, se revela em afirmações como a de Silva (2014) que, equivocadamente, acredita que o atual contexto da região, é resultado apenas da colonização de uma etnia/sociedade.

Nas obras consultadas sobre a formação de municípios da região, foco do estudo, percebe-se que os autores não valorizam as sociedades nativas. Mencionam a existência delas, com dados simplificados, ou sequer citam a passagem desses grupos. Apontam para a chegada dos “primeiros brancos” enfatizando ainda mais os imigrantes alemães e italianos e depreciando a existência dos indígenas.

Entre as informações que poderiam ser exploradas, tanto por memorialistas, historiadores locais, quanto por professores da educação formal, está o período de ocupação e as rotas migratórias. Nas obras consultadas os autores não citam nenhuma datação C^{14} , bem como uma cronologia de ocupação. Vale lembrar que já em finais da década de 1960, em função do PRONAPA, foram publicadas datações radiocarbônicas para o Rio Grande do Sul.

Ao mesmo tempo, em que há um desconhecimento sobre as populações indígenas pré-coloniais, existe um desinteresse em conhecer essas sociedades. Opiniões defasadas e superficiais se perpetuam, mesmo com o avanço das pesquisas, pois não utilizam como referência, as pesquisas realizadas em diversas instituições de ensino superior espalhadas pelo Rio Grande do Sul. E este panorama se reflete nas escolas, nas quais os professores acabam tendo acesso as obras redigidas por memorialistas, contribuindo para a continuidade de uma visão errônea.

A mudança de pensamento e a não utilização de informações superficiais e defasadas passam pelas pesquisas acadêmicas, as quais devem ser divulgadas e publicadas para o incremento do processo

de aprendizagens em conhecimentos mais específicos. Existe um conhecimento produzido e que deve ser socializado para futuros entendimentos sobre a história do Brasil e o mosaico de etnias que povoaram todas as regiões. Com isso, se acredita que conceitos básicos de cidadania e alteridade pudessem ser apreendidos e conseqüentemente as relações humanas melhorassem para o bem comum de todos. As pesquisas proporcionam uma compreensão mais profunda e refinada em relação ao povoamento pré-colonial do Vale do Taquari.

8. REFERÊNCIAS

BECKER, Ítala Irene Basile. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. In: KERN, Arno Alvarez (Org.). **Arqueologia: a pré-história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

BRASIL Arqueológico. **Projetos**. 2016. Disponível em: <<http://www.brasilarqueologico.com.br/arqueologia-preventiva.php>>. Acesso em 14 Set. 2016.

BUENO, Lucas; DIAS, Adriana Schmidt. Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 119-147, 2015.

CNSA/IPHAN. **Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico**. 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/236/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

COLEÇÃO DISQUINHO. **História do Brasil Cantada**. São Paulo, Continental, v. 1, 1968.

COPÉ, Silvia Moehlecke. **12000 anos de história: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

DIAS, Adriana Schmidt. Panorama da arqueologia pré-colonial da região sul-brasileira. In: RIBEIRO, Ana Maria (Org.). **Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos**. Porto Alegre: SBP, 2009.

DUPONT, Nair Tereza Jantstch. **Paverama: ontem e hoje**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

EIFLER, Ellen Walkiria. **Bom Retiro do Sul: sua história... sua vida**. Porto Alegre: Feplam, 1992.

FABBRI, Glauco Pasquali. **Arqueologia Preventiva no Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2014. Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

FARIA, Octavio Augusto de. **Monografia do município de Taquari**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1981.

FARIAS, Jovani. **Fazenda Vilanova sua história**. Lajeado: Editora da Univates, 2012.

FERRI, Genuíno Antônio. **Roca Sales: cidade da amizade**. Lajeado: Gráfica e Editora Lajeadense, 1998.

FERRI, Genuíno Antônio; TOGNI, Ana Cecília. **A história da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas**. Lajeado: Editora Univates, 2012.

FIEGENBAUM, Jones. **Um assentamento Tupiguarani no Vale do Taquari/RS**. São Leopoldo: UNISINOS, 2009. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

FIEGENBAUM, Jones; SCHNEIDER, Patrícia; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. O passado histórico revisto pela arqueologia no Vale do Taquari/RS: ocupação pré-colonial. **Revista História**, Cruz Alta, n. 6, p. 134-139, 2005.

FREITAS, Fernando de Castro. **Triunfo**: história, gente e lendas. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.

GOLDMEIER, Valter Augusto. **Sítios Arqueológicos do Rio Grande do Sul**: fichas de registro existentes no Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo: Unisinos, 1983.

GOMES, Airto Francisco. **Relvado 100 anos depois**. Encantado: Grafen Editora, 2001.

HESSEL, Lothar Francisco. **O município de Estrela**: história e crônica. Porto Alegre: Editora da Universidade/Martins Livreiro Editor, 1983.

FREITAS, Itamar. A experiência indígena no ensino de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

KNOB, Pedro; KNOB, Darcísio. **Poço das Antas**: primeiro lugar no ranking da alfabetização. Porto Alegre: Evangraf, 1998.

KREUTZ, Marcos Rogério. **O contexto ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. Lajeado: UNIVATES, 2008, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates, 2008.

_____. **Movimentações de populações Guarani, séculos XIII ao XVIII** – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul. Lajeado: UNIVATES, 2015, Tese, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates, 2015.

KREUTZ, Marcos Rogério; SCHNEIDER, Patrícia; MACHADO, Neli Teresinha Galarce; SCHNEIDER, Fernanda. **Arroio do Meio**: entre rios e povos. Lajeado: Editora Univates, 2011.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

LOPES, Sérgio Nunes. **O patrimônio histórico e cultural sob a ótica do Poder Público no Vale do Taquari/RS**. Santa Maria: UFSMA, 2012, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce; MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. Prospecções arqueológicas e físico-químicas no sítio RS T 100: estruturas em San Valentin – Ilópolis-RS. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (Org.) **Anais do I Colóquio sobre sítios construídos**: casas subterrâneas. Santa Maria: Pallotti, 2005.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce; SCHNEIDER, Patrícia; FIEGENBAUM, Jones; WELP, Marlon. A ocupação Guarani no Vale do Taquari/RS: notas prévias sobre as pesquisas arqueológicas. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, ano 19, n. 24, p. 123-135, 2006.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce; SCHNEIDER, Patrícia; SCHNEIDER, Fernanda. Análise parcial sobre a cerâmica arqueológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. **Cerâmica**, São Paulo, n. 54, p. 103-109, 2008.

MEDEIROS, Juliana Schneider. Povos indígenas e a lei nº 11.645: (in)visibilidades no ensino da história no Brasil. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost; XAVIER, Maria Luísa Merino de Freitas. **Povos indígenas & educação**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

- MOURE, Telmo. **História do Rio Grande do Sul**. São Paulo: FTD, 1994.
- NEVES, Eduardo Goes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- OLIVEIRA, Kelly de. **Estudando a cerâmica pintada da tradição Tupiguarani**: a coleção Itapiranga, Santa Catarina. Porto Alegre: PUCRS, 2008, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.
- PEREIRA, Jefferson da Silva. O ensino das disciplinas de Moral e Cívica e de Estudos Sociais durante a Ditadura Militar (1964-1985). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 14, 2014. **Anais...** Campo Mourão, 2014.
- PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.
- RELLY, Eduardo; MACHADO, Neli Teresinha Galarce; SCHNEIDER, Patrícia. **Do Taiaçuapé a Colinas**. Lajeado: Editora Univates, 2008.
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. O índio pré-histórico e histórico dos Vales dos Rios Pardo e Caí. In: Governo do Estado do Rio Grande do Sul. **O índio no Rio Grande do Sul**: perspectivas. Porto Alegre: Comissão Executiva de Homenagem ao Índio, 1975.
- _____. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil**. Porto Alegre: PUCRS, 1991, Tese, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1991.
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz; KLAMT, Sérgio Célio; BUCHAIM, Joaquim Jorge Silveira; RIBEIRO, Catharina Torrano. Levantamentos arqueológicos na encosta do planalto entre os vales dos Rios Taquari e Caí. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 19, p. 49-89, 1989.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. O Programa Arqueológico do Rodoanel Metropolitano de São Paulo - Trecho Oeste: ciência, preservação e sustentabilidade social. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo. **Patrimônio**: atualizando o debate. São Paulo: 9ª SR-IPHAN, 2006.
- RODRIGUES, Francisco Pereira. **Uma página da história rio-grandense**: Santo Amaro, General Câmara. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2007.
- ROGGE, Jairo Henrique. **Fenômenos de fronteira**: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: UNISINOS, 2004, Tese, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Vale do Rio dos Sinos, 2004.
- ROSA, Alexandre Nunes da. **Estudo de Impacto Ambiental** – EIA referente às obras de duplicação da Rodovia BR-386/RS, segmento Km 350,8 – Km 386. Brasília, MRS Estudos Ambientais, Vol. 02, 2009.
- SANTI, Juliana Rossato. **O passado no presente**: vestígios pré-coloniais como suporte analítico da paisagem no Vale do Soturno, RS. São Paulo: USP, 2009, Tese, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009.
- SANTOS, Daniel Martins. **Elaboração de mapas temáticos do Vale do Taquari**. Lajeado: Centro Universitário Univates, 2015.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2006
- SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado I**. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1992.
- _____. **Cruzeiro do Sul e sua história**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. O índio e a colonização no RS. In: Governo do Estado do Rio Grande do Sul. **O índio no Rio Grande do Sul: perspectivas**. Porto Alegre: Comissão Executiva de Homenagem ao Índio, 1975.

_____. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. **Pesquisas**, São Leopoldo, Documentos 5, 2006.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BECKER, Ítala Irene Basile. Os primitivos engenheiros do Planalto e suas estruturas subterrâneas: a tradição Taquara. **Pesquisas**, São Leopoldo, Documentos 5, p. 65-100, 1991.

SCHNEIDER, Fernanda. **Interpretação do espaço Guarani**: um estudo de caso no Sul da Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta, Rio Grande do Sul, Brasil. Lajeado: UNIVATES, 2014, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates, 2014.

SCHNEIDER, Fernanda; WOLF, Sidnei; KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. Assentamentos humanos pré-coloniais e pesquisas arqueológicas: configurações ambientais. In: PEREIRA, Elenita Malta; RÜCKERT, Fabiano Quadros; MACHADO, Neli Teresinha Galarce (Orgs.). **História ambiental no Rio Grande do Sul**. Lajeado: Editora da Univates, 2014.

SCHNEIDER, Patrícia. **Um patrimônio "adormecido"**: a cultura material arqueológica pré-colonial nos lugares de memória do Vale do Taquari/RS. Santa Maria: UFSMA, 2010, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

SILVA, Renan. Com o laço na mão, Thaian reforça o respeito pela tradição. O Informativo. Lajeado, p. 12, edição de 18 de setembro de 2014.

SILVA, Riograndino da Costa. **São José de Taquari**: a história de minha terra. Porto Alegre: Edições Flama, 1972.

SILVA, Sérgio Baptista. **Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang**: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê Meridionais. São Paulo: USP, 2001, Tese, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

SOARES, André Luís Ramos. **Contribuição para a Arqueologia Guarani**. São Paulo: USP, 2004, Tese, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2004.

SOARES, André Luís Ramos; PERIUS, Eduardo; AREND, Jéssica Fernanda. A Arqueologia nos livros didáticos. **Revista Latino-Americana de História**. São Leopoldo, v. 2, n. 6, p. 520-531, 2013.

THOMÉ, Lauro Nelson Fornari. **Arroio do Meio ano 50**: 1934 - 1984. Porto Alegre: CORAG, 1984.

VICROSKI, Fabricio José Nazzari; THADDEU, Vera Lúcia Trommer. **Relatório de pesquisa**: Diagnóstico do Patrimônio Cultural na área de pavimentação da Rodovia RS 311. Erechim, 2010.

WERLANG, Olívia Terezinha. **Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: UNISINOS, 1981, Monografia, Curso de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1981.

WOLF, Sidnei. **Paisagens e sistemas de assentamento**: um estudo sobre a ocupação humana pré-colonial na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta, RS. Lajeado: UNIVATES, 2012, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates, 2012.

Submissão: 05/07/2018

Aceito: 13/08/2018